

**C**aro leitor(a), o dossiê estava programado para se chamar “Esquerda, Direita e o Politicamente Correto”. Não conseguimos. E o mais interessante é que, se há “culpa” nisso, não podemos imputá-la a ninguém.

Não conseguimos porque, como dizia Camões, “um brado mais alto se alevanta”. No nosso caso, o que gerou esse “brado” foi o “politicamente correto”.

Mas o que é o politicamente correto e por que gera tantas polêmicas? Essas perguntas são muito bem respondidas pelos autores do presente dossiê, coordenado de forma habilidosa e atenta aos meandros da vida prática acadêmica, por Cicero Araujo. Segundo ele, aliás, uma das coisas a se tomar cuidado era justamente o fato de que não poderíamos prescindir da participação das mulheres em nosso dossiê – isso foi cumprido plena e brilhantemente nos ensaios das colaboradoras.

Outro veio, que inclui desde logo a questão, foi uma discussão – alguns autores dizem que o termo não comportou até hoje essa esperada agudeza, resvalando unicamente para a “polêmica” desde seu início, nos EUA dos anos 60 e depois lá se articulando, definitivamente, nos anos 90 – sobre se o agente do politicamente correto provém da esquerda ou da direita. Muito rico esse debate, que se espalhou pelas páginas da seção. A Cicero Araujo, portanto, nossas mais efusivas congratulações.

Não posso deixar de mencionar aqui o trabalho, na seção Arte da Revista, muito bem realizado, sobre o Pavilhão Japonês no Parque do Ibirapuera, do arquiteto Sutei Horiguchi. Assinado por Kengo Kuma, considerado um dos maiores arquitetos do Japão hoje, o artigo aponta a dificuldade de Horiguchi ao conceber o projeto do Pavilhão, em papel e madeira – unindo o novo e o clássico de seu país –, ao lado dos trabalhos ondulados e de concreto de Niemeyer. Confira tudo isso nas próximas páginas.

**Francisco Costa**